Trabalhadores! Sois pequenos porque estaes de joelhos. Levantae-vos!

O SYNDICALISTA

Redactor responsavel — ORLANDO MARTINS | Gerente — LEOPOLDO MACHADO

ANNO VII — NUMERO 11 | *ORGAM DA FEDERAÇÃO OPERARIA DO RIO GRANDE DO SUL (Adherida á Associação Internacional dos Trabalhadores em Berlim)* | Porto Alegre, 26 de Dezembro 1925 SABBADO

ATTITUDES

Continuação

Deixemos aparte a differença que possa haver entre os propositos de Marx, patriarca dos organisadores de Estados operarios, e os fundadores do partido operario hespanhol; façamos tambem caso omisso por agora da proclamação do oportunismo que contem esta clausula final: *todas aquellas reformas que o partido socialista concorde, segundo as necessidades dos tempos*: o que em nosso assumpto convem notar, é que o partido operario quer apoderar-se do poder politico em Hespanha, e não em Portugal, nem em França, nem em Andorra, Estados visinhos; nem muito menos em Inglaterra, Italia, Allemanha ou Estados Unidos, etc. etc.; donde resulta que o partido operario acha-se em opposição a um principio scientifico indestructivel que todo o mundo acceita, e que seguramente acceitam todos os operarios que o fizeram e que propagaram em outros tempos os principaes propagandistas desse partido: *A emancipação dos trabalhadores não é um problema nacional*. Contra este principio vão os que querem apoderar-se do poder politico em Hespanha antes de celebrar pactos, reunir forças e combinar o modo de apoderar-se dos poderes politicos de todas as nações, ou pelo menos de bom numero dellas, para daquellas posições dominar depois as restantes; e os que vão contra a sciencia, conduzem-se necessariamente ante o impossivel.

«Os esforços feitos até agora tem fracassado por falta de solidariedade entre os trabalhadores das differentes profissões em cada paiz, e de união fraternal entre os obreiros das diversas regiões». Quem dentre os propagandistas do partido operario é capaz de destruir esta affirmação estampada ao prefacio dos estatutos da Internacional?

Nós a apresentamos, convidamos que a destruam, lhes dizemos: daqui não passareis.

Não póde esquecer-se «que o movimento que se está effectuando entre os obreiros dos paizes industriaes do mundo inteiro, procreando novas esperanças, dá um solemne aviso para *não incorrer em antigos erros* e aconselha combinar todos os esforços até agora esquecidos», raciocinio que encontramos no citado prefacio e de que nos servimos para ajudar á efficacia daquelle *solemne aviso*, e recordar aos extraviados que «os esforços dos trabalhadores para conquistar sua emancipação não tendem a constituir novos previlegios, mas estabelecer para todos os mesmos direitos e os mesmos deveres».

Os que por meio do partido operario propõem-se alcançar a constituição do Estado operario creem que o Estado, hoje, é o representante, o orgão da dictadura das classes directoras; convencido.

Mas se amanhã, em lugar dessa multidão de advogados e jornalistas aduladores da burguezia qua chegam ao poder, subissem os obreiros mais eminentes entre os propagandistas do partido operario; se tivessemos um presidente operario, ministros, deputados, governadores, alcaides, etc. etc., operarios, quer dizer, o Estado operario, perderia por isto, o Estado seu caracter essencial? Deixaria de ser uma tyrannia? E poderia a tyrannia ser apta para estabelecer a liberdade e resolver o problema social?

Não.

Por outro, os operarios elevados deixariam de ser operarios para serem magnatas, como estamos vendo em todos que se elevam, emquanto é possivel a elevação, em quanto existe a desigualdade; e não pode negar-se que o partido operario deixa subsistente a a desigualdade, si tem-se em conta que pretende elevar operarios a categoria de governantes ou mandarins, para que outros operarios fiquem como sempre reduzidos a humilhante classe de governados e servos.

Nunca a dictadura, qualquer que seja o seu objectivo, representará o povo. Si é util para representar a burguezia, que constitue uma oligarchia com interesses proprios e particulares em opposição ao interesse geral; si póde encarnar-se num pequeno numero de individuos, impor uma lei conforme sua vontade sem respeito do direito alheio, e repartir-se a botiea social baixo e egide de um governo, porque toda a oligarchia vive pela dictadura, nunca representará o povo, isto é a generalidade dos interesses regulados pela justiça.

Si suppormos que o governo foi exercido por operarios socialistas que querem beneficiar sua posição em beneficio do socialismo, pouco teremos alcançado; porque não se pode confiar a solucção do problema e sua applicação á pratica a uns poucos que não serão mais sabios que o conjuncto de seus companheiros, e contra os quaes não haverá garantia, no caso, não de uma traição, mas de sentir-se impulsionado á reacção ainda que fosse por não julgar opportuno introduzir certas reformas, por aquella razão tão repetida por todos os opportunistas modernes, porque a massa trabalhadora não alcançasse o alto nivel intellectual a que elles proprios julgam-se elevados.

O programma do partido se presta admiravelmente a isto: tem uma aspiração e uma serie de medidas de applicação immediata, com as quaes crê conseguir a aspiração que se propõe: porem note-se uma circunstancia importante: o primeiro ponto de sua aspiração é a posse do poder politico e por mais crentes os componentes do programma que temos a vista «que o Estado operario não deve ser outra cousa que uma delegação para administração dos interesses sociaes, sem faculdades arbitrarias, responsavel e razoavel em todo lugar», o certo é que ha de cumprir as reformas administrativas que deixamos copiadas, e isto pode só fazer-se com o emprego de meios coercitivos, e si os tem e ha de luctar com interesses contrarios e opposições de genero destincto, o natural é que a primeira preocupação do Estado operario, segundo o sentido commum, seja sustentar-se, como tem feito, fazem e farão todos os governos havidos e por haver, sem cuidar-se de programmas nem compromissos anteriores, que não seja o contraido comsigo mesmo, cada um dos operarios elevados ao governo do Estado visam satisfazer sua ambição particular.

A sociologia não é uma sciencia determinada, mas sim uma sciencia que começa; cada descobrimento, cada novo progresso, cada conquista do saber sobre a ignorancia pode estender seu horisonte, modificar as leis de sua applicação, e isto reclama um mechanismo que permitta, em uma palavra, á sociedade desenvolver-se como se desenvolve o corpo humano, como brota a planta por uma assimilação incessante e completa de todos os elementos de vida, de força e aperfeiçoamento.

Este mechanismo não pode ser o Estado, ainda que se lhe chame operario, este mechanismo não póde ser outro que a livre federação de todos as agrupações productoras. O Estado por sua propria natureza, é a encarnação do previlegio; é elle nosso inimigo, e delle podem servir-se os que para destruirem todos os previlegios tem de renunciar mesmo aquelles que poderiam beneficiar-lhes.

O partido operario propõe-se, pois, um impossivel e constitue, por tanto, uma inconveniencia grandissima para os trabalhadores.

Anselmo Lourenzo.

1886

Nota — Os esforços dos trabalhadores para conquistar sua emancipação não hade tender a constituir novos privilegios a não ser estabelecer para todos os mesmos direitos e os mesmos deveres.

A emanicipação dos trabalhadores não é um problema unicamente local ou nacional, pelo contrario, este problema interessa a todas as nações civilizadas; estando necessariamente subordinada sua solucção ao curso theorico e pratico das mesmas.

(Estatutos da Internacional)

Collaboração feminina

Um brado de revolta

Sou uma mulher operaria, vivo do meu salario e sei quanto as mulheres operarias soffrem, para ganhar a sua manutenção e, com os seus deveres, soffrem resignadas, sem dar conta do seu soffrimento sem fazer um exame de consciencia.

Quantos estragos feitos pela corrupta sociedade em que vivemos! Mas não me revolta a resignação destes martyrios; o que me revolta é que não comprehendem, não querem comprehender, que a mulher não póde, não deve submetter-se a tal escravidão.

Mas desgraçadamente as moças e mulheres operarias, que preferem ser religiosas e patriotas, não vêm que as duas junctas, são a mesma exploração é o mesmo absurdo.

A mulher burgueza, só quer permanecer nos *rendez-vous* nas salas dos hoteis chics, nas fanfarrás loucas dos *Jass-Band*. E dizer-se que a mulher operaria, aquella que podia aspirar, uma nesga de liberdade e consciencia, porque é independente, e util pelo seu trabalho, porque é capaz de se nutrir e se vestir com o seu trabalho — dizer-se que essas mulheres, quasi sempre abandona as prerogativas que lhe offerecem as suas condições economicas.

Para imitar a burgueza, esquecem que temos a nossa organização, que temos formado Grupos, que servem muito mais para ellas, do que os gosos da burguezia. Que differença entre o esforço, titanico, rebelde, revolucionario, do operario consciente!

Luctando contra a burgue-guezia reaccionaria, contra o salariato, e luctando no lar com a reacção tremenda da familia religiosa, ignorante e o esforço tenaz da mulher operaria desejando apenas o luxo e o gozo das burguezas.

Não vêm estas mulheres, a lucta dos companheiros, de sua vida e, mesmo dos outros trabalhadores.

Não vêm? não querem vêr! Então soffrem as amarguras de todos os despresos! Porque, enquanto a mulher, achar indispensavel ser protegida e ter defensores, ser uma tutelada, tanto na sociedade como na vida particrlar, emquanto, se alimentar de preconceitos, merece ser mesmo tratada deste modo, com tanto desprezo como se fosse um objecto do qual se gosa e se atira para longe como imprestavel; objecto que se compra e se vende, emquanto ella não vêr que tem outras obrigações, outros deveres na sociedade actual; emquanto seguir assim, deve soffrer, porque só assim dia virá que ella se revoltará e reconhecerá o erro em que tem vivido.

Este é meu pensar, já fui escrava, hoje sou livre e livre quero viver, como revoltada social!

Porto Alegre, 16 — 12 — 925.

Alzira Werkauser.

Evolução e Revolução

As classes trabalhadoras, partindo do ponto de vista evolucionista têm que chegar á Revolução.

São duas linhas convergentes cuja finalidade está exhuberantemente demonstrada pelos factos sociologicos.

E' preciso notar-se que, com a Evolução, nem sempre se collimam os fins que se tem em vista como a precipitação dos acontecimentos.

A Evolução — é o preparo do ambiente aonde se formam as phases, se forjam os ideaes para a obra completa, para o desideratum das transformações sociaes.

A Evolução é um cadinho por onde se apuram os sentimentos dos individuos, na objectivação de idéias por meios convincentes á luz da Verdade e da Razão.

Portanto, a Evolução por meio da instrucção é necessaria ainda que seja lenta, porque é preciso ter em conta o pouco preparo da maioria dos trabalhadores e, sobretudo, o maximo indifferentismo que corróe não só ás consciencias até á medulla.

Da Educação Moderna, bebida á luz da Sciencia em todos os seus multiplos aspectos é que hão de derivar os elementos preponderantes da transformação politico-economico-social.

Essa arma de combate, chegado o momento decisivo, tem que ser trocada pelas armas da Revolução. Sem a Revolução não se destróem organisações sociaes, não se saccode o jugo de oppressores, não se muda a face de existencias seculares mantidas pelo roubo e pela extorsão, pelo cynismo e pela tyrannia e por uma falsa interpretação de direitos e deveres de que usa e abusa uma minoria sob a face do Planeta.

Os combatentes de visão mais nitida, abriram brechas nas muralhas do Capitalismo e do Militarismo, — o verdadeiro cancro que exgotta as forças vitaes dos povos — e que é a manutenção de toda a ordem existente de oppressões e iniquidades que soffrem os trabalhadores da parte dos governos e seus colligados, burguezes e espirituaes.

Sem a Revolução, quer esta seja como a Revolução Franceza, quer esta seja como a revolução Russa, os trabalhadores jámais hão de chegar ao maximo de suas conquistas na reinvindicação de seus direitos.

Embóra essas duas Revoluções desvirtuassem seus verdadeiros principios, comtudo, são dois passos gigantescos que abriram caminho na multisecular organisação de ilotas e patricios, de salariados e burguezes.

Uma — a Revolução Franceza — aboliu os restos do Feudalismo e tirou das garras do jesuitismo as consciencias estupidamente escravisadas.

Outra — a Revolução Russa — deu um golpe fatal no militarismo e na maior das hecatombes sociaes e preparou as novas gerações, apezar de seus erros e contingencias de momento, para o futuro bem estar da Humanidade por meio da organisação economica, base de toda a grandeza dos povos.

Toda a derrocada de organismos politico-sociaes tem sido por meio de revoluções.

Em todas as revoluções para chegar ao seu ponto culminante têm sido preciso dar combate por meio de armas, cujas armas são as idéias por meio da palavra, dos livros e da imprensa.

As revoluções não se engendram no cerebro de nenhum homem, e nem tão pouco são uma Minerva sahida de ponto em branco da cabeça de nenhum Jupiter; mas, sim, são o producto de leis biologicas. etnicas e sociaes que semelhantes a um laboratorio entram com as partes que lhe são indispensaveis para a composição do que se quer, ou daquillo que se necessita.

Chegadas essas mesmas leis a combustão necessaria, é que ellas precipitam os acontecimentos.

Sem a evolução de pensamentos e de ideias não póde haver revoluções.

Rodolpho Xavier.

Pelotas.

Flôr da Rua

Pela noite, no bairro onde eu habito
Encontro uma garota a vadiar,
— Pobre botão de rosa a mendigar
«Para o leite do irmão mais pequenito».

Uma vez enfiou o seu bracito
No meu, collou-se a mim, poz-se a brincar,
Fazendo esforços por me acompanhar,
No seu passo nervoso e miudito.

Afastei-a; mas, como prosseguia,
Censurei o seu vicio com brandura,
Dei-lhe a espórtula infame que pedia.

E, sob o pállio dessa noite escura,
Ella teve um sorriso de alegria
E eu tive um pensamento de amargura.

Bramão de Almeida.

UM GRITO DE REVOLTA!

Muitos dos nossos companheiros presos foram vil e cobardemente assassinados pela burguezia!

Camaradas! Companheiros! Poderemos permittir tanto crime e tanta barbaridade?

Chega-nos, companheiros, neste momento tetrico para a consciencia proletaria do Rio Grande do Sul, uma noticia que nos veio por intermedio do valoroso orgam libertario *La Antorcha*, de Buenos Ayres, a qual sobre lançar em nossos corações o pezar e a desolação por sabermos ter desapparecido do scenario da vida, com a mais negra miseria e soffrimentos physicos e moraes uma pleiade de homens que, pelos seus sentimentos de justiça e de amor á humanidade eram defensores sinceros e intemeratos dos des-pobres, dos opprimidos e de ideaes da mais alta justiça social, nos faz dar um brado de revolta.

Os assassinos desses homens são justamente aquelles que se arrogam pela força o direito de nos governar, os que tem a petulancia de dizer que no Brasil ha a mais completa liberdade de pensar.

Com o pretexto de serem suspeitos ao governo, foram presos no Rio e em S. Paulo muitos militantes do movimento operario e mandados para a inhospita e pestifera ilha á margem do rio Oyapock, que tem o mesmo nome, pois, sabiam os homens do governo que mandar para lá alguem seria o mesmo que mandar fuzilar.

O pretexto para prendel-os foram os mais infantis, pois, ha entre os presos, muitos simplesmente por suspeitas e, entre elles, o companheiro Thomaz Borghe que se acha em estado comatoso que foi preso em Curytiba muito depois da revolução, em S. Paulo e Rio, pois nessa epocha se achava em Porto Alegre, simplesmente porque falou num comicio commemorativo de 1.° de Maio:

Da verdadeira situação de todos os companheiros deportados no Oyapock, só agora nos chegou noticias mais detalhadas por uma carta reveladora que transcrevemos, a seguir e que foi publicada na *La Antorcha*:

«Aproveitando a fuga de um prisioneiro que por gozar saude e ter alguns recursos pecuniarios se arriscou a esta empreza com probabilidade de triumpho, vos envio esta para que conheçais a situação em que estamos, os crimes que estão commettendo os despotas do Brasil.

Na ilha Oyapock, situada na margem do rio do mesmo nome, a 4.° graus de latitude N, nos encontramos deportados, sepultados entre selvas, vivendo como as féras, soffrendo a mais negra miseria e a mais horrorosa agonia, a mais espantosa solidão, grande numero de companheiros, centenas de soldados marinheiros e civis.

Oyapock, que como a Siberia, adquirirá uma triste celebridade foi escolhido pelas féras que se aninham no Cattete e no Eliseo, para tumba dos descontentes e humildes; é uma terra inhospita e selvatica; lugar de horror e de morte. Seu solo não produz plantas fructiferas. Só selvas virgens e macegas immundas, insectos, febres e epidemias que fazem dessa tetrica região logar onde impera a morte como unica soberana.

Em Dezembro passado chegaram 500 deportados e, quando em Junho fomos uns 700, só encontramos dos primeiros só 40, que mais que homens pareciam féras.

De todos, restamos muito poucos. e entre esses alguns gravissimamente enfermos dos quaes citamos por ser mais conhecidos, aos companheiros Pedro A. Motta, M. Ferreira Garcia, Domingos Braz, Thomaz Borghe, José B. da Silva. Dos mortos destacamos aos companheiros J. N. Fernandes Varella, Nicolas Parada, José Alves Nascimento e Nino Martins.

Varela optimista até a ultima hora, esperava soccorro, mas quando viu que não chegava o auxilio esperado, momentos antes de expirar synthetisou toda a amargura de sua solitaria agonia nesta phrase: *Oh! companheiros, como nos deixaes perecer de fome e de miseria!*

A unica salvação seria uma fuga, até á Guayana Franceza e esta será absolutamente impossivel se não accudirdes em nosso auxilio, pois nos encontramos em estado selvagem, desprovidos de roupas e extenuados pela fome que estamos passando.

Agora, que ainda que succintamente conheceis nossa situação, esperamos a façaes publica para que os libertarios e os trabalhadores levantem sua voz de protesto contra a pena de morte que anonymente nos foi imposta. Da acção collectiva esperamos nossa liberdade!».

Como vêm os camaradas, entre os mortos está o camarada Nino Martins e entre os que estão para morrer o camarada Thomaz Borghe que militaram no movimento operario do Rio Grande do Sul.

Trabalhadores! Homens de coração! Pensae que em Oyapock morrem homens que toda sua vida estiveram ao ao serviço do proletariado. Que os mortos e os agonisantes têm companheiras, e filhos que estão abandonados na mais negra miseria!

Obremos com energia!
Vinguemos aos mortos!
Exijamos a liberdade dos dos nossos presos que estão na maldicta ilha do Oyapock!

Esclarecendo uma declaração

No proximo numero, por termos pouco espaço no presente, publicaremos com o titulo acima, um esclarecimento sobre uma publicação assignada, pela Commissão da União dos Operarios Estivadores, com referencia á sua não participação no 3.° Congresso Operario do Rio Grande do Sul, realisado nesta capital.

O SYNDICALISTA

Para traz os tartufos despreziveis!

„O vosso contacto manchar-nos-ia a alma rubra libertaria".

Explorando uma pantomima levada á scena na Assembléa dos Representantes, a qual é um verdadeiro circo de cavallinhos, cujos personagens procuram desempenhar os seus papeis tragi-comicos deante dos olhos attonitos do povo a quem os comediantes consideram uma infindavel multidão de palpavos, mais ingenuos do que as crianças que costumam se deleitar com as funcções anacronicas desse genero de diversão, o Araujo e a tal *Liga dos Operarios Republicanos*, pretenderam atacar a Federação Operaria, por ter ella silenciado sobre o desenrolar de uma das costumadas trincas entre dois *representantes* que se dizem do povo.

A referida trinca, deu-se, entre dois representantes: um do governo — o Dr. Masera; e o outro da opposição — o Dr. Simões Lopes Filho.

No afan de puchar cada um delles *brasa para a sua sardinha*, o da opposição disse que o outro já havia feito politica com os trabalhadores.

O outro, *ambos iguaes no brilho e iguaes na quéda*, por força de circumstancias, tinha que contestar o que disséra o seu antagonista (não sabemos, nem nos importa saber, o que disse para fazel-o) apresentou documentos, fallou etc. etc.

Para nós, tratando-se de politicos desde os capachos, até os da mais *alta* hierarchia, não nos merecem senão desprezo e até repugnancia seus actos e palavras....

Eis o motivo certo, do nosso silencio sobre o que lá se disse com respeito á gréve dos operarios da Companhia Força e Luz, em 1919.

Somos trabalhadores. Temos que ganhar o necessario para nossa subsistencia e, nas horas que se representam as farças da Assembléa dos Representantes, estamos noutros logares bem mais uteis do que naquelle em que individuos parasitas se tornam protagonistas de scenas vergonhosas, como as que, ha dias, foram narradas no «Correio do Povo», e, si tempo nos sobra das horas de labor, não é para nos preoccuparmos com as explicações pessoaes, com os pugilatos e as contendas partidarias de individuos pretensos representantes do povo, dos quaes, o dia em que o povo chegar a comprehender o papel indigno que representam, saberá dar-lhes o correctivo que merecem.

Demasiado sabem os trabalhadores organizados e de consciencia, de todo o mundo, qual é a orientação da Federação Operaria, em qualquer dos movimentos não que *orientou* mas que amparou e amparará com a solidariedade dos trabalhadores que nella estão organizados.

Não péga a exploração dos capachos dos politiqueiros...

Sim, capachos. Porque não têm valor moral para outra cousa...

Somos forçados a fazer uns ligeiros reparos sobre o alludido movimento grévista e a alguns topicos da moção que foi publicado no jornal *A Evolução*.

A Evolução, é o jornal daquelle Araujo que, atacou o 3° Congresso Operario, accusando-o de intolerante, segundo dizia, por conclusão tirada na leitura d'*O Syndicalista* e a quem reptamos para citar as resoluções do Congresso, donde concluira seus disparatados conceitos e, o que *entupiu*, deixando de pé o nosso repto.

Procurou esse individuo, desviarnos para o facto passado entre os taes deputados, com o fim de eximir-se á discussão do que elle chamára intolerancia do Congresso, etc.

As accusações á intolerancia do Congresso tinham a assignatura desse individuo, logo elle foi por nós reptado...

Nada respondeu, a não ser phrases sublinhadas e indirectas...

Assim procedem os cobardes e intrujões da sua especie...

Mas não vale a pena gastar cêra com tão ruim defunto...

Os reparos que pretendemos fazer é justamente para pôrmos a calva á mostra de individuos que se querem «enfeitar com penas de pavão», pois, quanto a ter a gréve sido politico, basta a F. O. ter prestado a sua solidariedade para saber-se que nella não houve intervenção de qualquer intrujão da politica.

O que não podemos admittir é que, individuo algum para tirar proventos pessoaes venha a deturpar os factos mentindo miseravelmente, da forma que se segue, numa moção da tal «Liga»:

«Considerando mais, que é de notoriedade publica, que os signatarios da presente foram os organisadores e orientadores *dos movimentos proletarios dos annos de 1917 á 1919, epoca em que a Federação Operaria, dentro de seu programma, vindo do 2.° Congresso Operario Brasileiro realisado no Rio de Janeiro, teve a sua mais brilhante e consentanea phase*, resolvemos reunir e votarmos a seguinte:

(Segue-se a moção que não vem ao caso para o que queremos refutar).

E, mais adiante, os signatarios:

«Orlando de Araujo e Silva, Sapateiro.
João Humbet, Mechanico.
Ayrton Fonseca, Typographo.
José Maria Braga, Commercio.
Antonio Gonzaga, Carpinteiro.
Cassiano Legrenha, Ferreiro.
Abilio de Nequet, Barbeiro.
João Candido Martins, Sapateiro.
(Copiada dos annaes da Assembléa dos Representantes).

E, nós, perguntamos, fostes vós os orientadores dos movimentos proletarios de 1917 a 1919?

Onde estão os nomes de Polydoro Santos, Cecilio Villar, Zenon de Almeira, para não fallarmos noutros?

Admittindo que na F. O. houvessem orientadores.

Sim, porque o movimento grévista dos Operarios da Força e Luz (1919) de que o tal Araujo foi, de facto, o orientador, até quando fugiu para se esconder da policia abandonando-o no momento mais agudo, não podia ser *os movimentos proletarios de 1917 a 1919*.

Entre os outros signatarios encontram-se, é verdade, alguns rapazes que ingressaram no movimento operario em 1917, bons rapazes, mas sem orientação. Eram novos militantes no Syndicato dos Operarios Força e Luz, formado por occasião da gréve geral de 1917; outro, um velho mentecapto, que sempre viveu a cheirar o governo e que nos movimentos de 1917-1919 era um illustre desconhecido e ainda um arabe ou syrio que sempre primou pela confusão de suas ideias, pois, é communista-borgista-espirita, etc. etc., enfim, um desses coitados cujas ideias mudam com o vento...

Mas a idéa pessoal de cada um delles só tem uma importancia relativa.

O facto que não podemos deixar passar é o seguinte, pois é uma licção para os trabalhadores organizados e uma licção para a vaidade do tal Araujo:

Após a gréve geral de 1917, ficou formado, como já dissemos, o Syndicato dos Operarios da Companhia Força e Luz.

Araujo começou a se fazer amigo pessoal dos rapazes de que fallamos, que eram os directores do Syndicato dos Operarios da Força e Luz: João Humbert, José Maria Braga e outros, não os orientadores da F. Operaria, pois esta é orientada só por assembléas compostas dos delegados de cada Syndicato e não por um determinado individuo, cujo Syndicato tinha a sua séde propria na Azenha.

Araujo, que só fazia discursos, começou a actuar de preferencia naquelle Syndicato, fazendo prelecções e conferencias, preparando-o, segundo dizia, para a lucta.

O Syndicato era filiado á F. O. e, era tal o isolamento em que o proprio Araujo o mantinha das outras organisações que, quando rebentou a ultima gréve da classe, patrocinada por aquelle Syndicato, em 1919, foi uma verdadeira surpreza para os Syndicatos que compunham, naquella época, a F. Operaria.

Sem embargo, apezar de saber-se que aquelle gesto brusco por parte do S. do O. da Força e Luz, representava a vaidade do Araujo, que queria demonstrar, de quanto era capaz com o Syndicato que elle dizia ostensivamente governar, a Federação Operaria só tomou conhecimento delle, depois de completamente declarado, resolvendo solidarisar-se, como lhe competia, incondicionalmente.

Mas, se si queria ter alguma informação tinha-se que procurar, porque elle tudo procurava resolver sem entrar em entendimento com os companheiros dos outros Syndicatos.

Até que, depois de muitos dias de gréve, após estar eminente o fracasso do movimento, pois, já haviam carros trafegando, a Federação Operaria recebe um bilhete do tal Araujo, dizendo que esta mandasse as operarias tecedeiras se atirar aos trilhos para que os carros não trafegassem!!

Após uma série de tropelias desorientadas, inclusive o tal comicio em que elle e mais alguem dos que hoje estão na *Liga dos Operarios Republicanos* e no seu jornal, a engrossar o governo, apanharam muita espada da Brigada, e, peior ainda, perdeu a vida um operario grévista, tornando-se a situação cada vez mais critica para todas as classes trabalhadoras, ahi já completamente interessadas no movimento grevista, esse individuo escondeu-se, fugiu vergonhosamente, como o fazia sempre quando a situação se complicava.

Quanto á morte do Syndicato dos Operarios da C. Força e Luz, foi ella devida, exclusivamente, á acção desse individuo que, hoje pretende passar por orientador dos movimentos proletarios de 1917-1919, como se um individuo pelo facto de ter militado no movimento operario, tenha o direito de dizer-se orientador de todos os trabalhadores!!!

Foram tão desorientados os autores da moção da tal Liga que, quanto á orientação da Federação, referindo-se á época de 1917-1919, disseram: *«época em que a Federação Operaria, dentro do seu programma, vindo do 2° Congresso Operario Brasileiro, realisado no Rio de Janeiro, teve a sua mais brilhante e consentanea phase»*.

E antes, noutro considerando, disseram:

«Considerando, que *ainda vive perfeitamente identificada*, com os *seus principios*, a Federação Operaria do Rio Grande do Sul, patrocinadora daquelle movimento, e então orientada e dirigida, pelos actuaes orientadores e dirigentes desta «Liga»; e»

Afinal, elles mesmos desmentem que só a orientação do 2° Congresso era bôa, confessando que a Federação Operaria *ainda vive perfeitamente identificada com os seus principios*.

E' preciso ser muito imbecil!

A ESCOLA

Nada no mundo, existe de mais sublime e bello senão a escola.

A escola, quando é dirigida por professor competente, é o logar onde o menino póde se instruir para o caminho do bem e desenvolver a mentalidade para ser o verdadeiro homem do progresso.

No Rio Grande do Sul, ha escolas, mas, precisamos de muito mais, os 80°/ₒ de analphabetos aqui existentes, são productos exclusivamente da grande crise de escolas.

As escolas deste estado, além de ser num numero resumido estão cheias de preconceitos, uns dados pelos exemplos das paofessoras, outros porque é ordem governamental e outros porque são de conveniencia religiosa.

Como se conduzem as professoras nas aulas?

Ao chegarem cumprimentam seus discipulos num ton secco, como se esses humildes innocentes lhes tivessem feito algum mal ou fossem seres differentes, após, sentam-se, teem de espichar as pernas (e bem espichado) o vestido, porque este é muito curto, arrumam o decote que é um tanto exagerado, digno sómente de mulheres ignorantes e vaidosas ou então das infelizes victimas de D. Quixote. Depois abrem a bolsinha, tiram o espelho, olham-se, para ver si no rosto ainda existe rouge ou crayon e em seguida põem pó de arroz.

Depois, então é que iniciam os seus trabalhos.

Claro está que os seus discipulos vão se familiarizando com esses exemplos e depois de terem uma certa edade querem imital-os.

De accordo com as ordens governamentaes, são precisos trajes para gymnastica, trajes para exercicios militares. A maier parte de crianças que frequentam as escolas, e que são filhos de paes pobrissimos, não ganhando a terça parte para o sustento do seu lar e que fazem um sacrificio extraordinario para tirar os filhos da ignorancia. Mas como será possivel um homem pobre manter dous ou tres filhos numa escola, em que é preciso um discipulo ter tantos trajes e calçados e que continuamente as professoras pedem um livro, e em seguida dizem não servir mais este, e sim o de tal auctor que é o que está em uso em todas as escolas?

Os paes, pobres, não podem supportar o peso destas aulas ainda que o ensino seja gratis, teem de criar os seus filhos na eterna ignorancia.

Snrs. governantes, assim não se governa, mas sim se desgoverna.

A conveniencia religiosa é ensinar a amar e a adorar um typo nunca visto e sempre desconhecido, acima de todas as cousas e, temel-o como a um individuo de perversos instinctos, ensinam a rezar orações e mais orações, pois conheço muitas creanças bem espertas e dignamente desembaraçadas, que estão nos collegios dessas mulheres que andam envoltas nos laureis de freira, (vestindo a moda Viuva Alegre), ha muitos mezes e, só aprenderam a

(Continúa na 4ª pag.)

(Continuação da 3ª pag.)

dizer b-ã é ba, e isto mesmo é com muito custo. Pois, nas aulas dirigidas por esta gente despresam a litteratura e só dão valor á todas as crendices e rezas. As crianças as quaes me refiro ainda não sabem soletrar mas já aprenderam o tal de Padre Nosso (padre d'elles). Salve Rainha, e (Eu (elles). creio em Deus Padre), e assim successivámente sabem muitas e muitas orações.

Provado fica que as creanças não desenvolvem o intellecto, é por falta de zelo dessas professoras que andam de rosarios nas mãos e envoltos no preto e branco tecido.

Sois professoras a ensinar orações, entorpecer a mentalidade dos futuros gigantes da litteratura, da arte e da sciencia.

Sois retardarios do progresso e nós já estamos fartos dos vossos systemas escolares e scientes de que faltam muitos collegios para completar o numero sufficiente para se dar combate até o exterminio, ao nefasto analphabetismo; os vossos systemas escolares estão em conflicto com a civilisação, precisam ser reformados com urgencia afim de que a futura juventude não mate o pensamento.

E' preciso que todas as pessoas que fazem parte do professorado, sejam menos admiradoras das modas e pinturas, e tratem os discipulos como verdadeiros amigos e não incutam nos cerebros innocentes o que só póde causar mal á sciencia.

E' preciso que as creanças sejam tratadas com carinho e sejam educadas sem Deus nem amo, sem odio ao extrangeiro, mas sim com o coração dedicado a fazer o bem á humanidade inteira e procurar a sua felicidade, sem causar mal ao seu semelhante.

A todos os homens de sentimentos nobres, cumpre o dever de trabalhar e cooperar para o triumpho das escolas modernas.

Caros leitores, após o triumpho das escolas modernas, jámais perderás o teu tempo com um ignorante, lendo os meus pobres rabiscos tão queixosos por falta de escolas.

Como estou certo que parte do professorado vai ficar descontente, então assigno-me.

Sebastião Lamotte. Bagé, 925.

2.º Congresso Operario

Devido a termos pouco espaço e por já estar a terminar a materia do 2.º Congresso Operario, deixamos para publicar no proximo numero a continuação das suas resoluções, sendo que começaremos a publicar, após terminar essa materia, as suggestões que foram enviadas pelo camarada Edgard Leuenroth e pela Federação Obrera Regional Argentina por serem de grande importancia para os trabalhadores organisados do Rio Grande do Sul.

O emprego da bomba

Quanto elle é, por vezes, prejudicial a propaganda revolucionaria

E' notavel a frequencia com que em diversos paizes se recorre a bomba explosiva, suppondo-se que nada ha mais coherente com os principios do humanitarismo revolucionario, do que o emprego d'estes meios violentos.

E', diz-se, um gesto de revolta, um protesto, um elemento de lucta.

Por esta fórma se vae impondo a causa da Revolução.

Ora, não ha nada mais falso.

O attentado a bomba explosiva, tal como se vem realizando de ha uns tempos a esta parte, só tem servido para prejudicar o movimento revolucionario.

Esta é a verdade que todos os militantes conscientes do operariado reconhecem

São actos de individuos isolados, em geral rapazes de menor idade, sem o sentimento e a noção das responsabilidades em que incorrem.

Do seu acto resulta quasi sempre isto: uns prejuizos materiaes que não recaem sobre a pessoa que se pretende tornar victima, porque teve previamente o cuidado de fazer o seguro do estabelecimento ou officina contra o risco de attentados; se ha feridos, estes em geral são operarios, desgraçados que andam na sua labuta de todos os dias; e uma grande indignação do publico, que nunca chega a abranger a razão justificativa dum tal gesto, que attribue sempre a malevolencia, a vingança rancorosa e perversa.

Uma outra consequencia é a de augmentar o numero dos chamados presos por questões sociaes, desviando para elles as attenções de elementos que podiam empregar-se em obras de caracter social e de mais utilidade para o progresso das idéias.

Praticado o attentado, o seu auctor, raro consegue escapar-se e torna-se desde esse momento um encargo da organisação, se se trata d'um operario syndicado e confederado.

O rapaz que lança uma bomba é por isso perseguido, julga-se um heróe, uma pessoa notavel e tem a pretenção de se julgar credor da causa operaria apesar de ninguem lhe ter incumbido a sua intervenção violenta, quasi sempre contraproducente.

Suppondo-se um heróe, imagina tambem que o seu caso é o caso de maior interesse para o operariado e quasi admitte a necessidade a a possibilidade de se fazer uma revolução para que elle seja libertado.

E não poucas energias, actividades, sessões, comicios se perdem, para tratar do seu caso e de tantos innocentes cuja perseguição o seu acto provocou.

Não. Dos attentados, taes como se tem praticado ultimamente, nada de util tem resultado para a causa dos trabalhadores.

Pelo contrario elles tem sido sempre o pretexto para perseguições em massa e, em casos de gréves, para o triumpho dos exploradores.

O attentado comprehende-se quando é o effeito de uma extrema violencia.

Entende-se, quando põe côbro a uma dictadura, a uma perseguição systematica e isto quando attinge o homem, ou o grupo dominador.

Justifica-se ainda em plena lucta de ruas, quando a massa popular é atacada a tiro, ou a metralhadora e quando essa se defende com os meios de que póde dispôr; explica-se tambem num momento de excitação revolucionaria, num ataque organisado contra a força publica.

Em todas essas situações o grande publico abrange perfeitamente as causas que o determinaram e, se dellas resulta um movimento de libertação e de progresso, applaude o.

Que effeito póde porêm resultar d'uma série extensa de attentados contra pessoas quasi desconhecidas, que não se tornaram verdadeiros typos de oppressores que o publico aponta a dedo?

Que influencia poderão ter attentados em que o seu autor quasi sempre não corre o risco da vida e, pelo contrario, põem em risco a vida de camaradas desprevenidos, de crianças, de gente inoffensiva?

Quasi sempre estes attentados são praticados por homens muito novos, mais facilmente suggestionaveis, suppondo-se predestinados para grandes emprehendimentos.

Os militantes mais velhos, cuja idade e experiencia da vida os tornou mais ponderados não se deixam envolver por esses fugazes enthusiasmos, que nem sempre correspondem a uma profunda convicção revolucionaria; mas necessario se torna que estes mesmos procurem fazer exercer toda a influencia para se reagir contra o desenvolvimento d'um injustificavel movimento terrorista em que além de se perderem inutilmente tantas energias, se perde muitas vezes as sympathias do publico e se estraga a propaganda revolucionaria que é o indispensavel elemento para nos trazer, pelo augmento do numero dos revolucionarios, a possibilidade da Revolução.

Campos Lima.

NOTA — Qualquer companheiro que julgue necessario commentar este artigo, terá nossas columnas á sua disposição.

— FOLHETIM —
D',,O SYNDICALISTA"
5

O Evangelho da Hora

P. Berthelot.

26 Dizendo-lhe: — «E' prohibido estacionar aqui. » — Mas elle perguntou-lhe: — «E tu, quem és?»

27 O homem armado respondeu: — « Sou o Vigia-de-Noite — e desempenho o meu serviço, obedecendo a ordens que me foram dadas.

29 « Porque ha nesses palacios incalculaveis riquezas — e se lá entrassem os ladrões, quando estou de guarda, eu seria severamente punido.»

30 Mas elle perguntou-lhe: — « Essas riquezas são tuas, — ou é tua uma parte dellas?

31 O homem riu e disse: — « De meu nada tenho — além do meu pequeno salario.»

32 Disse elle então: — » Assim guarda o cão os bens do seu amo — e dão-lhe em paga um osso e chicotadas. »

CAPITULO V

Havia no templo uma cerimonia — e grande concurso de povo, de clerigos e de devotos.

2 E alguém perguntou-lhe: — «Que ha de ser destes?» Elle respondeu: — «Que sei eu? Mas elles têm muito que temer. »

3 « Porque desse dia está dito a proposito delles: — O miserere passou, os Sinos de Morte calam-se. »

4 Mas o servidor do templo, ouvindo-o, gritou: — « Este homem blasfema! Afaste se d'aqui! »

5 E juntou-se uma turba de clerigos e de devotos — que queriam expulsa-lo do sadro.

6 Mas elle disse-lhes: — « Ai de vós, clerigos e devotos, que fechais ao povo o paraiso terrestre — que nelle não entrais nem deixaes entrar os outros»

7 «Ai de vós, clerigos e devotos, sepulcros caiados, que pareceis limpos por fóra — mas cujo interior está cheio de vermes e podridão.

8 — «Ai de vós, clerigos e devotos, que remexeis mares e terras para fazer convertidos — e que os tornais dez vezes mais perversos do que vós proprios.

9 «Ai de vós, clerigos e devotos, que devorais os haveres das viuvas e dos órfãos sob a capa de preces e de obras pias,

10 — «Ai de vós, clerigos e devotos, que pregais a pobreza e a abstinencia — e amontoais riquezas, e sois avidos de honras e de poder!»

11 Então um homem politico disse-lhe: — «Homem, dizendo isso, também nos offendes, a nós!»

12 «Mas elle respondeu: — «Ai de vós tambem, legisladores e moralistas — que carregais o mundo de pesadas regras, que não tocais com o dedo.

13 «Ai de vós, que levantais estatuas aos que vossos paes mataram — e continuais a matar os que dizem as mesmas coisas!

14 «Porque contas vos serão exigidas de todo o sangue derramado — para sustentar o vosso poder.

15 «De todos aquelles que vieram annunciar uma parte de verdade — e que vós haveis matado, queimado, estrangulado, decapitado, fuzilado.

16 «Daquelles que morreram nas masmorras, — Sob o sol de Caiena ou sob a neve da Siberia.

17 «De todo esse sangue, de toda essa dor—eu vos digo que vos serão pedidas contas, antes que passe esta geração!»

18 E o povo reunia se em volta delle, murmurando: — «Este é ousado em demasia, não falará por muito tempo.»

19 «Mas elle disse-lhes esta parabola: — Um homem, ao morrer, deixou em herança a seus dois filhos um rico pomar.

20 «Ora o mais joven de seus filhos sabia ler e escrever — mas era cheio de astucia e de malicia.

21 «O outro era simples e bom, mas nada pudera aprender — porque trabalhava sem descanço, realizando todos os dias a tarefa de seu irmão, além da sua.

22 «Ora quando o pae morreu, o mais joven pegou num papel — e sobre este papel escreveu mil disparates e mil absurdos.

23 «E, mostrando-o ao que não sabia ler, disse-lhe: — «Este papel é o testamento com as ultimas vontades de Nosso Pae».

(Continúa)